FUNDAÇÃO ULYSSES GUIMARÃES

UM PAÍS EM BUSCA DA SUA IDENTIDADE E DO SEU DESTINO

José Fogaça

Na tragédia elizabetana renascentista Hamlet, William Shakeaspeare coloca na boca da personagem Marcelo uma das frases mais conhecidas e lembradas da literatura dramática de todos os tempos. Marcelo é um dos guardas do castelo de Elsinore e, quando vislumbra o espectro do fantasma do rei assassinado, perambulando pelas vielas e muradas, vê nisso um presságio da desordem moral, política e espiritual do reino. E então profere a emblemática sentença: "Something is rotten in the state of Denmark" ("Há algo de podre no reino da Dinamarca").

Inicio este artigo asseverando antes de mais nada que, sim, as instituições democráticas no Brasil efetivamente funcionam. Sim, a democracia brasileira é efetiva em seu processo eleitoral.

No entanto, passado apenas um dia da eleição presidencial, refletindo sobre as preocupações que nos assaltaram ao longo desse dias, não há como não pensar, no sentido shakeaspeareano, que há algo realmente de muito errado neste país.

Porque é absolutamente surreal que um candidato (que só poderia – suponho eu - ser escolhido e designado candidato pela inteireza e higidez da sua condição), de repente, sem mais nem menos, revele a enorme fragilidade que se escondia dentro da sua candidatura e saia em desabalada fuga do país. É inimaginável, por outro lado, que um candidato, mesmo derrotado, desconsidere tão pressurosamente os quase 60 milhões de votos que recebeu nas urnas. É difícil entender por que Flávio Bolsonaro decidiu implodir, de forma totalmente unilateral, todas as pontes de sua responsabilidade civil e de sua liderança política.

Há, sim, algo de muito desconcertante em seu comportamento. Tão desconcertante, tão inacreditável que fez o Brasil acordar estupefato e assustado na terça-feira, 27 de outubro.

Mas isso ainda não é o pior. O pior e mais grave é que as razões desse desconcerto todo não se resumem exclusivamente à figura individual do prófugo candidato.

Esse desconcerto também diz muito da psiquê coletiva vigente neste país, em nossos dias. Diz muito de uma condição estrutural que vem se enraizando em nossos costumes políticos. Revela uma tendência que tem seu caldo de cultura no comportamento vigente em alguns círculos das altas esferas, onde se aloja a oligarquia central do poder em nossa amada terra Brasil.

O sistema democrático erigido pela Constituição de 1988 funciona, sim, mas, atenção nisso, não são apenas as regras formais que asseguram a estabilidade de uma democracia. Há uma componente abstrata, que Maquiavel chamava de virtude, que nunca estará garantida por nenhum arcabouço institucional, por mais sólido que seja.

Há uma componente na democracia que depende das pessoas; depende da curadoria mental e emocional dos indivíduos e das coletividades humanas, não só das instituições. Um ato de consciência política adequado ao candidato derrotado neste momento seria, por exemplo, o de reconhecer a validade das eleições e do seu resultado.

Foi eleito um presidente de esquerda. Pelo mesmo eleitorado que três semanas antes havia elegido um Congresso de direita. Eleger um Congresso de direita no primeiro turno e eleger um Presidente de esquerda no segundo turno nos remete a um dos deuses mais antigos da mitologia romana: Jano, o deus bifronte, que olhava em duas direções opostas.

Em função dessa opção disfuncional, a partir de 2027, nosso país estará levando a um risco limite nosso sistema de freios e contrapesos, construído longa e penosamente nas últimas três décadas.

Não é o fim da História, não é para sucumbir na desesperança. Ao contrário. É preciso seguir em frente.

Mas é duro reconhecer que, apesar da tenebrosa luta que foi empreendida no último quarto do século passado pela redencão democrática e pela definição de rumos da nação, tenhamos agora voltado a ser um país de desencontros, mais uma vez em uma errática busca de nossa identidade e de nosso destino.